

# Estudos sobre morbidade e mortalidade populacional no Brasil do século XIX: limites e possibilidades

Studies on Population Morbidity and Mortality in Nineteenth-Century Brazil: Limits and possibilities

Daniel Oliveira<sup>1</sup>

## Resumo

---

A análise da mortalidade e morbidade, sob perspectiva da história social, é empregada na historiografia como recurso para examinar questões específicas em torno das condições sociais de vida e morte de diversos grupos populacionais. Estas condições consideram diversos fatores: socioeconômicos, culturais, políticos, morais, entre outros, que permearam a vida dos indivíduos e grupos. Com este panorama, analisaremos como a historiografia nacional recente, fazendo uso do arcabouço teórico e metodológico ligado à história social e demografia, está trabalhando o tema para o contexto brasileiro do século XIX. Destacaremos as principais contribuições suscitadas pelos autores nas suas pesquisas, seus avanços e, de forma preliminar, procuraremos esboçar oportunidades de progressões para o exame da problemática.

**Palavras chave:** mortalidade; história social; século XIX; historiografia; Brasil.

## Abstract

---

The analysis of mortality and morbidity in the perspective of social history is employed in historiography as a resource to examine specific questions about the social conditions of life and death in various population groups. These conditions consider several factors: socio-economic, cultural, political, moral, among others, that influenced the lives of individuals and groups. With this background, we are going to analyze how recent national historiography, making use of the theoretical and methodological framework linked to social and demographic history, is approaching this subject in the Brazilian context of the nineteenth-century. We highlight the main contributions raised by the authors in their research, their advancements and, in a preliminary way, we outline opportunities to advance further in the study of this issue.

**Keywords:** mortality; social history; XIX century; historiography; Brazil.

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

## Introdução

A análise da mortalidade, sob perspectiva da história social, é empregada na historiografia como recurso para examinar questões específicas em torno das condições sociais de vida e morte de diversos grupos populacionais. Estas condições consideram diversos fatores socioeconômicos, culturais, políticos, morais, entre outros, que permearam a vida dos indivíduos e contextos. As pesquisas sobre mortalidade inserem-se no campo historiográfico conhecido como história da saúde e das doenças<sup>1</sup> que, ao longo das últimas décadas, consolida-se dentro da historiografia nacional, construindo métodos de análise específicos sobre fontes, bem

---

<sup>1</sup> No entanto, nem todos os trabalhos deste campo inserem-se nas perspectivas teóricas da história social. Muitos estudos são conduzidos sob análises pós-estruturalistas, mais precisamente, inspiradas nos estudos de Michel Foucault. Conforme Hebe Castro, o pós-estruturalismo significaria: “um rompimento radical tanto com a presunção da existência de estruturas sociais quanto com a ênfase no vivido e na experiência, que classicamente definiam o campo da história social”. CASTRO, Hebe. História Social. In. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da*

como, teorias sobre os temas explorados.

No Brasil, analisando principalmente indivíduos escravizados, mas não se limitando a este grupo populacional<sup>2</sup>, os estudos sobre mortalidade desenvolveram-se de forma acentuada a partir da

---

*história: ensaios de teologia e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

<sup>2</sup> Destaca-se que são vários os estudos que trataram sobre mortalidade no século XIX, alguns detendo-se especialmente sobre ela, outros utilizando-a pontualmente, como um recurso dentre outros, para análise de determinado problema. Assim como, apesar de predominarem, entre os estudos de maior vulto, os escravos como indivíduos, outros grupos sociais também foram investigados, e ainda, grupos por faixa etária, tal como as inúmeras pesquisas que se ocuparam da mortalidade infantil. Também deve-se mencionar os estudos que se detiveram mais em causas de morte do que em grupos sociais. Alguns exemplos (no artigo de Marcílio podem ser identificados diversos estudos que, mesmo não se detendo sobre a mortalidade, a exploraram de forma pontual): BARRETO, Maria Renilda Nery. Entre brancos e mestiços: o cotidiano do Hospital São Cristóvão na Bahia oitocentista. In: MONTEIRO, Yara Nogueira (org.). *História da saúde: olhares e veredas*. Instituto de Saúde, 2010. BASSANEZI, Maria Silvia Beozzo. Imigração e mortalidade na terra da Garoa. São Paulo, final do século XIX e primeiras décadas do século XX. XIX. *Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, ABEP, São Pedro/SP. 2014. MARCILIO, Maria. Luiza. A demografia histórica brasileira nesse final de milênio. *REBEP - Revista Brasileira de Estudos de População*. V. 14, n. 1/2 (1997). SANTOS, Cândido dos. Nota sobre a mortalidade infantil nos séculos XVIII e XIX. *Humanidades*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, n.º 2, Abril de 1982, p. 47-[75].

década de 1970 de forma interligada à história social e à demografia. Esta última, permeada por métodos seriais, quantitativos e estatísticos, foi considerada por muitos historiadores sociais pós-década de 1970<sup>3</sup> como uma ciência dura, que pouco poderia auxiliar na apreensão da complexa realidade social dos agentes ou grupos populacionais em suas relações. Em outras palavras, tal abordagem e seus métodos não dariam conta da *face humana* que constitui tais relações, tão cara para a história social<sup>4</sup>. Atualmente, pesquisadores ligados às abordagens recentes da história social e ao seu aparato teórico e metodológico, ao trabalharem a mortalidade, voltaram a fazer uso de técnicas e conceitos criados pela demografia, oportunizando o refinamento de análises e a criação de novas teorias e metodologias acerca dos problemas estudados.

---

<sup>3</sup> PRADO JR, Caio. História quantitativa e método da historiografia. São Paulo, *Debate e Crítica* (6), jul. 1975.

<sup>4</sup> CASTRO, Hebe. Op. cit. p. 49-50.

Em relação às fontes utilizadas para o exame da mortalidade no decorrer do século XIX no Brasil, destacam-se os registros paroquiais produzidos pela Igreja Católica e, também, os registros de óbitos realizados pelas Santas Casas de Misericórdias do Brasil. As Santas Casas, em muitas grandes cidades do país, eram as administradoras dos cemitérios municipais, estabelecidos a partir das reformas cemiteriais da metade do século XIX<sup>5</sup>. Destaca-se que, no caso de Porto Alegre, a Santa Casa de Misericórdia e o seu cemitério, para além de concentrar todos os enterramentos legais ocorridos na cidade a partir de 1850, também reproduziria em seus livros de óbitos, todos os registros realizados pelas paróquias da cidade.

Com este panorama, esta reflexão parte de inquietações suscitadas por pesquisa em desenvolvimento que explora as

---

<sup>5</sup> REIS, João José. *A morte e uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. 357 p.

condições de mortalidade da população de Porto Alegre e a estrutura social daquela cidade, no último quarto do século XIX, tendo como base documental principal, registros de óbitos<sup>6</sup>. As inquietações advindas do uso desta fonte e da pesquisa empreendida se formulam a partir de alguns questionamentos: até que ponto a análise da mortalidade pode nos dizer algo sobre as reais condições de morte e vida dos indivíduos analisados e suas relações com o todo social em que estão incluídos? E ainda, sobre o conhecimento das causas de morte e doenças, entendidas como um conceito, tendo como ponto de partida os seus registros, dentro do seu contexto histórico de construção? Quais são os limites e as possibilidades oferecidas por estas fontes, também considerando a metodologia a ser aplicada?

---

<sup>6</sup> Livros de Óbitos da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre (SCMPA). Centro Histórico-Cultural Santa Casa (CHC) de Porto Alegre.

Objetiva-se assim, por meio de revisão de literatura recente<sup>7</sup> sobre o tema, analisar como estas questões podem ser observadas na historiografia nacional e como se relacionam ao arcabouço teórico e metodológico ligado à história social e demografia<sup>8</sup>, destacando as principais contribuições suscitadas pelos autores e suas pesquisas, seus avanços e, ainda, mesmo que de forma preliminar, esboçar oportunidades de progressões para o exame da problemática.

Com este horizonte, o texto se divide em três partes: a primeira, discorre sucintamente sobre a interface que se estabelece entre a história social, a demografia e os estudos de mortalidade; a segunda, abarcando estudos atuais e pioneiros do campo, procura observar como os pontos de reflexão trazidos são

---

<sup>7</sup> Escolhidos pela afinidade de diálogo que estabelecem com as questões propostas por este artigo.

<sup>8</sup> A demografia, nesta concepção, é observada como interligada à história social (não ciências separadas), como será identificado na exploração sobre a relação entre a história social e mortalidade.

tratados; a terceira, analisa as principais contribuições e indagações observadas nos estudos tratados, buscando o aprofundamento do exame da mortalidade.

### História social, demografia e estudos sobre mortalidade

Buscar uma definição sobre o significado de história social não é tarefa fácil, sendo difícil identificar pontualmente a sua origem como forma de se analisar e escrever a história<sup>9</sup>. Sua gênese estaria ligada ao movimento dos *Annales*<sup>10</sup>, formando-se em contraposição à historiografia

---

<sup>9</sup> De acordo com o objetivo proposto, a gênese da história social será realizada de forma resumida. Para informações pormenorizadas sobre o surgimento da história social, seu desenvolvimento e relacionamento com os *Annales*, consultar as obras de alguns dos autores aqui debatidos: BURKE, Peter. *O surgimento da história Social*. São Paulo: UNESP, 2002. CASTRO, Hebe. Op. cit. HOBBSAWM, Eric. J. Da história social à história da sociedade. In. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

<sup>10</sup> Fundado por Marc Bloch e Lucien Febvre (1929). No entanto, pode-se considerar que tal postura historiográfica teria surgido anteriormente, na década de 1890, identificada em estudo realizado pelo historiador norte-americano Frederik Jackson Turner. Ver: BURKE, Peter. Op. Cit. p. 29.

factual e política historicista alemã, centrada nos grandes acontecimentos<sup>11</sup>, propondo: “uma história problema, viabilizada pela abertura da disciplina às temáticas e métodos das demais Ciências Humanas, num constante processo de alargamento de objetos e aperfeiçoamento metodológico”<sup>12</sup>. Dentre estas ciências, destacam-se a Sociologia e a Antropologia<sup>13</sup>.

Além disso, a história social evocava uma face humana do passado, sendo mais analítica do que narrativa e mais temática do que cronológica<sup>14</sup>. Marcada pela interdisciplinaridade, as suas principais características constituidoras seriam estabelecidas pela criação de novos problemas de pesquisa, métodos e novas

---

<sup>11</sup> CASANOVA, Julián. *La historia social y los historiadores*. Barcelona: Crítica, 1997. p. 39.

<sup>12</sup> CASTRO, Hebe. Op. cit. p. 45.

<sup>13</sup> Fernand Braudel, um dos principais historiadores dos *Annales*, chegaria a propor a união entre a História e Sociologia. Entre os sociólogos que influenciaram profundamente a história social, destacam-se: Max Weber, Émile Durkheim e François Simiand. Na Antropologia, destacam-se Clifford Gertz e Claude Lévi-Strauss. Sobre as origens destas relações, consultar: CASANOVA, Julián. Op. Cit. p. 20-24.

abordagens, tendo como cerne de análise o homem em sociedade, independentemente de sua posição<sup>15</sup>. No entanto, em seu início, esta proposta desenvolvia-se priorizando os fenômenos coletivos sobre o indivíduo, privilegiando a análise das estruturas sociais, sob olhar socioeconômico<sup>16</sup>. No que toca à demografia e à história quantitativa, já empreendidas naqueles anos iniciais por meio de registros de nascimentos, matrimônios e mortes, Casanova indica que historiadores dos *Annales* ligados aquela ciência e método forneceria importantes contribuições para o estudo da sociedade e do *fato* social como objetos de pesquisa<sup>17</sup>.

Seria somente a partir de 1950, principalmente por meio de historiadores marxistas britânicos, que a história social se estabeleceria

como campo específico de estudos, observada e tomada como uma nova postura historiográfica, passando a se tornar hegemônica entre os historiadores<sup>18</sup>. Até então, conforme Hobsbawm: “Nem o tema em si nem a discussão de seus problemas conheceram um desenvolvimento efetivo”<sup>19</sup>. Estes anos também foram marcados pelo ápice das abordagens estruturalistas, assim como pelo uso vasto da quantificação, observando que a utilização deste método estaria ligada à euforia ocasionada pelos primeiros avanços da informática e às facilidades que esta nova ciência oportunizava para a pesquisa de dados quantitativos, principalmente, demográficos e econômicos<sup>20</sup>.

Entre os anos de 1960 e 70 ocorreria a sofisticação destes métodos e o aumento do número de pesquisas deste caráter. Neste

---

<sup>14</sup> CASTRO, Hebe. Op. cit. p. 39.

<sup>15</sup> Idem.

<sup>16</sup> Seria a partir da economia que se esclareceria a estrutura da sociedade e suas mudanças, e ainda, se dariam as relações entre os grupos sociais. A economia estabelecia-se como o fundamento central da sociedade. HOBBSAWM, Eric. J. Op. Cit.

---

<sup>17</sup> CASANOVA, Julián. Op. Cit. p. 96.

<sup>18</sup> Momento em que a historiografia marxista liberou-se de enfoques limitados que haviam orientado a história política e ideológica do movimento operário. CASANOVA, Julián. Op. Cit. p. 96.

<sup>19</sup> HOBBSAWM, Eric. Op. Cit. p. 85.

<sup>20</sup> CASTRO, Hebe. Op. cit. p.47-48.

momento, entre os historiadores cresce o interesse por documentos seriais, em meio a eles, os registros de óbitos. O enfoque predominante nestas pesquisas ainda era o socioeconômico, enfatizando a análise sobre as estruturas sociais, utilizando-se de um tempo histórico de longa duração, sem muito espaço para o enfoque da ação humana. O indivíduo encontrar-se-ia ainda um tanto preso às estruturas<sup>21</sup>. No mesmo período, a historiografia brasileira seria marcada por muitas destas concepções e características e,

---

<sup>21</sup> Trata-se de concepções sobre a relação ente indivíduo, grupos de indivíduos, cultura, política, economia, mentalidade e a conformação da sociedade. Existe uma extensa discussão sobre esta relação, oportunizada pela história social, ao longo de sua existência. Atualmente, pode-se entender estrutura, dentro da história social, como conceito: “a palavra estrutura designa simultaneamente um conjunto, as partes de um conjunto e as relações dessas partes entre si”. Deste modo, “são construídas pelos homens e, como tal, surgem, transformam e, quando perdem sua diferenciação, desembocam em outras, como acontece com todos os modos de organização que emergem nas sociedades humanas, decorrentes de suas práticas, decisões etc.”. Neste sentido, as estruturas são produtos de relações sociais, humanas. PETERSEN, Silvia e LOVATO, Bárbara. Ciência moderna e conhecimento histórico. In: *Introdução ao estudo da História: temas e textos*. Porto Alegre: Edição das autoras/Gráfica das UFRGS, 2013. P. 249-250.

naqueles anos, criar-se-ia um campo específico de estudos, intitulado como “demografia histórica”<sup>22</sup>, que incentivou estudos, ainda que poucos<sup>23</sup>, sobre mortalidade populacional.

A partir da década de 1970, com a crise dos estruturalismos e a consciência de que “os comportamentos e realidades sociais definitivamente não se conformavam a ficar confinados a modelos preestabelecidos”<sup>24</sup>, a própria ênfase dos estudos dentro da história social

---

<sup>22</sup> Demografia histórica: campo de estudos iniciado no Brasil por Maria Luiza Marcílio em 1968, com a pesquisa intitulada *La ville de São Paulo. Peuplement et population. 1750-1850*. Marcílio, que estudou por muitos anos na França, foi profundamente influenciada por demógrafos franceses. No Brasil, foi lançada com o nome A cidade de São Paulo, povoamento e população: 1750-1850. MARCÍLIO, Maria Luiza. *A cidade de São Paulo, povoamento e população: 1750-1850*. São Paulo, Pioneira, 1974. Entre outros pesquisadores importantes do campo, naquele período, encontra-se Iraci del Nero da Costa.

<sup>23</sup> Os campos privilegiados pela demografia histórica naquele período foram a “nupcialidade, família, concubinato e infância” e “estruturas e dinâmicas populacionais da população livre e escrava”, dedicando pouco espaço para a análise da morbidade e mortalidade das populações analisadas. MARCÍLIO, Maria. Luiza. A demografia histórica brasileira nesse final de milênio. *REBEP - Revista Brasileira de Estudos de População*. V. 14, n. 1/2, 1997.

<sup>24</sup> CASTRO, Hebe. Op. Cit. p. 50.

se modificou. Momento este em que os historiadores sociais, criando ou utilizando conceitos, técnicas e hipóteses, algumas vezes emprestados de outras ciências, passaram a direcionar os seus olhares na análise de novos ou antigos problemas - para as estruturas, movimentos e processos que envolvem a sociedade, economia e população<sup>25</sup>, também privilegiando a ação humana, seu comportamento e experiência<sup>26</sup>, em conjunturas específicas: "Esta postura leva o historiador a privilegiar durações curtas, em relação às abordagens econômicas, demográficas ou das mentalidades, sem que estas deixassem de compor-lhes um campo de referência"<sup>27</sup>.

Cresceriam, assim, as abordagens socioculturais sobre os enfoques socioeconômicos até então

---

<sup>25</sup> CASANOVA, Julián. Op. Cit. p. 38.

<sup>26</sup> E de acordo com Burke, esta seria uma das pretensões de Braudel ao propor a união entre história e sociologia. BURKE, Peter. Op. Cit. p. 31.

<sup>27</sup> CASTRO, Hebe. Op. Cit. p. 49.

ênfatisados pela historiografia social<sup>28</sup> e, mais que isso, indivíduo, espaço, tempo e estrutura passariam a ser problematizados nas pesquisas<sup>29</sup>. Outra marca das pesquisas recentes da história social seria a redução da escala de abordagem nas análises<sup>30</sup>. É neste cenário que a história social se desenvolve na atualidade e que o caráter da *dureza estatística* da demografia passa a ser repensado, assim como o uso das suas fontes - para o que aqui nos interessa, os registros de óbitos - ao serem trabalhadas de forma conceitual, em conjunto de outras fontes qualitativas.

---

<sup>28</sup> Ibidem. p. 50.

<sup>29</sup> Para uma análise conceitual sobre estas dimensões, ver: PETERSEN, Silvia e LOVATO, Bárbara. Op. Cit. p. 230-265.

<sup>30</sup> Abordagem denominada como micro-história. A micro-história foi oportunizada por um grupo de historiadores italianos, entre eles, Carlo Ginzburg e Giovanni Levi. Objetiva a reconstituição de trajetórias individuais, observando e analisando o comportamento humano em seu meio social, cultural, econômico etc. específico. Trata-se de uma redução de escala de abordagem sobre determinado problema, representando "um ponto de partida para um movimento mais amplo em direção à generalização". CASTRO, Hebe. Op. Cit. p. 53. Ver também: LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992. 133-161.



Finalizando esta explanação, cabe trazer o entendimento de história social tomado por esta reflexão. Tal como indicado por Julián Casanova, diferentemente de uma especialidade acadêmica ou historiográfica, a história social se constitui como uma dimensão de análise que deveria estar presente em qualquer forma de problematizar o passado<sup>31</sup>, tendo em vista que o seu objeto, o ser humano em sociedade, dado a sua complexidade, não pode ser analisado de forma isolada sob qualquer aspecto<sup>32</sup>.

### O passado e o presente nos estudos sobre mortalidade no século XIX

As pesquisas de Iraci Del Nero da Costa - *Vila Rica: mortalidade e morbidade (1799-1801)*<sup>33</sup> e de Mary

Karasch - *A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*<sup>34</sup>, ambas produzidas na década de 1970, conformam-se como os principais referenciais teóricos e metodológicos sobre mortalidade no Brasil do século XIX.

Iraci del Nero da Costa, conhecido por seus trabalhos ligados à demografia histórica, sob abordagem metodológica estatístico-descritiva, analisou as principais causas de morte entre os segmentos populacionais de Vila Rica: os escravos, forros e livres. Procurou determinar as possíveis condicionantes socioeconômicas que estariam relacionadas à mortalidade daquelas populações. Costa indicou que a ocorrência de doenças epidêmicas e mortalidade estaria associada à decadência econômica de Vila Rica<sup>35</sup>. Outros aspectos em torno das populações estudadas (culturais, políticos etc.) e análises conceituais

<sup>31</sup> CASANOVA, Julián. Op. Cit. p. 47-8.

<sup>32</sup> Ibidem. p. 40-1. E neste ponto inclui-se para a análise, também como resultado do desenvolvimento da história social, os conceitos de sujeito, estrutura, tempo e espaço.

<sup>33</sup> COSTA, Iraci del Nero da. *Vila Rica: mortalidade e morbidade (1799-1801)*. In: BUESCU, M. & PELÁES, C. M. (coord.). *A moderna história econômica*. Rio de Janeiro, APEC, 1976. p. 115-127.

<sup>34</sup> Resultado de pesquisa de doutorado finalizada em 1972. KARASCH, Mary. *A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo, Cia das Letras, 2000.

sobre as informações da fonte utilizada, incluindo as doenças e causas de morte, não foram consideradas pelo autor. Observa-se, assim como em outros estudos da demografia histórica realizados naquele período no Brasil, abordagem direcionada para o exame das estruturas socioeconômicas.

Independentemente deste enfoque, este e outros estudos realizados por Costa<sup>36</sup> são de extrema relevância por fornecerem noções metodológicas de trabalho sobre os dados de óbitos e, ainda, por demonstrar a importância de que as informações contidas nos registros sobre determinado grupo populacional, devem ser consideradas em relação aos demais dados da população estudada (nascimentos, total populacional, crescimento demográfico, coeficientes de mortalidade etc), e

ainda, aos diversos grupos sociais, econômicos, étnicos etc. existentes em determinada localidade e contexto.

Mary Karasch empreendeu minucioso estudo sobre diferentes esferas do cotidiano de vida dos escravos urbanos no Rio de Janeiro. Nesta pesquisa, realizou análise específica sobre a mortalidade dos escravos, preocupando-se em resgatar aspectos que indicassem as possibilidades sociais e econômicas em vida tomadas como condições de vida - daquela população. Utilizou como fonte registros de óbitos da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, analisando de forma interligada doenças, causas de morte, etnicidade, idade, condição de liberdade e trabalho dos indivíduos. Identificou que as atividades de trabalho desenvolvidas, os alimentos, o local de moradia, os castigos impostos pelos senhores, entre outros fatores, impactavam de

---

<sup>35</sup> COSTA, Iraci del Nero da. Op. cit. p. 125.

<sup>36</sup> COSTA, Iraci del Nero. *Vila Rica: população (1719-1826)*. Ensaios Econômicos, 1. São Paulo, IPE-USP, 1979. \_\_\_\_\_. *Populações mineiras: sobre a estrutura populacional de alguns núcleos*

---

*mineiros no alvorecer do século XIX*. São Paulo, IPE-USP, 1981. 335 p.

maneira decisiva sobre a mortalidade da população escrava urbana do Rio de Janeiro.

Tornou-se referência no campo não somente pela profundidade analítica sobre o tema, mas também pela elaboração de metodologias de classificação das causas de morte e doenças. A pesquisa é marcada por interesse que perpassa a análise estatístico-descritiva das causas de morte. Os dados são explorados sob diversas esferas: social, cultural e econômica, procurando trazer não somente a visão da medicina ou dos senhores de escravos do período, mas também, a da população escrava.

Tal como a autora descreve no prefácio da edição brasileira de 2000, a primeira versão da pesquisa (1972) não trazia toda a complexidade acima resumida. A construção da “versão completa” da pesquisa, se daria imersa aos debates intelectuais das décadas de 1960, 70 e 80, marcada definitivamente por olhar cultural

sobre o problema e temas pesquisados<sup>37</sup>. Observa-se assim, uma estreita relação de diálogo entre a pesquisa empreendida por Karasch e o arcabouço teórico e metodológico da história social e as suas abordagens, que se desenvolviam e se modificavam naquelas décadas.

Certamente, tal olhar oportunizou ir além das condicionantes socioeconômicas que envolviam as doenças dos escravos. No entanto, nota-se que a análise empregada pela autora sobre os dados de mortalidade também foi fortemente conduzida pela abordagem estatístico-descritiva, comum nos estudos relacionados à demografia histórica, quanto tratam do tema<sup>38</sup>. Ligado a esta abordagem, observa-se que não foram realizadas problematizações sobre as descrições das doenças e causas de morte encontradas na fonte e os seus *reais*

---

<sup>37</sup> KARASCH, Mary. Op. cit. p. II.

<sup>38</sup> A autora realizou a análise sobre diversas tabelas que expunham os dados trabalhados sob forma quantificada.

significados dentro daquele contexto específico<sup>39</sup>.

Estudos recentes vêm aprofundando a exploração sobre o tema, aprofundando a problematização das doenças e suas concepções, aprimorando metodologias e teorias, detectando fragilidades antes não percebidas ou não tratadas por Karasch e Costa, oportunizando novo olhar para os registros de óbitos.

Em *“Portanto, os senhores exigindo dos escravos mais do que podem, cometem homicídio”*: vida e morte de indivíduos cativos nos oitocentos através dos registros de óbito (Porto Alegre/RS)<sup>40</sup>, Paulo Roberto

<sup>39</sup> A pesquisadora Diana Maul de Carvalho, ao debruçar-se sobre a obra de Karasch em anos recentes, realizaria algumas críticas neste sentido, mais detidamente, sobre a vinculação entre tuberculose, escravos e a cidade do Rio de Janeiro. Ver: NASCIMENTO, Dilene Raimundo; SANTA, Marcos Roma. O método comparativo em história das doenças. In: NASCIMENTO, D. R.; CARVALHO, D. M.; MARQUES, R. (orgs.). *Uma história brasileira das doenças*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. p. 23.

<sup>40</sup> MOREIRA, Paulo Roberto S. *“Portanto, os senhores exigindo dos escravos mais do que podem, cometem homicídio”*: vida e morte de indivíduos cativos nos oitocentos através dos

Staudt Moreira investigou a sociedade escravista porto alegreense da primeira metade do século XIX sob olhar que privilegia as condições de saúde e morte dos escravos, visualizando-as como reflexo das condições de vida e trabalho, considerando a conjuntura específica que envolvia os indivíduos naquele espaço e tempo. Inspirou-se em Karasch e Costa<sup>41</sup>, tendo como principal fonte os registros paroquiais de óbitos<sup>42</sup>.

No decorrer do texto interrogou-se sobre diversas fragilidades encontradas naquela fonte, sendo a mais importante, de acordo com o objetivo aqui proposto, a incerteza quanto aos diagnósticos das causas de morte mencionados na fonte, por tantas vezes descritos de

registros de óbito (Porto Alegre/RS). *Espaço Plural*, nº 22, 2010.

<sup>41</sup> Em Karasch ao realizar abordagem para além dos aspectos socioeconômicos. Em ambos por empregar o uso da metodologia estatístico-descritiva ao examinar os dados de óbitos. Além disso, por utilizar os métodos de sistematização das doenças e causas de morte por grupos, tal como realizado pelos dois autores.

forma sucinta, não padronizada ou genérica<sup>43</sup>. Aprofundando esta questão, observa-se outro problema, que direciona a atenção para o discurso médico do período que, de acordo com Moreira: “[...] *misturava, sem constrangimento algum, ciência e crítica comportamental, moral e religião. Evidentemente que tais ideias eram compartilhadas por seus contemporâneos, caso contrário os médicos seriam ridicularizados como delirantes (o que em muitos casos ocorreu)*”<sup>44</sup>.

É essencial olhar com cuidado para este fator no sentido de que este discurso poderia se tornar aspecto fundamental para a atribuição da causa de morte no registro do óbito. Verifica-se intensa crítica realizada

pelo autor sobre a fonte utilizada que, sistematicamente, seguirá para a maior problematização do que realmente significavam as doenças e causas de morte identificadas nos documentos analisados. Tal crítica é estabelecida sob olhar que privilegia a agência dos indivíduos imersos em seu complexo contexto social.

Em linha de pesquisa muito semelhante, Kaori Kodama et al.<sup>45</sup>, a partir de análise do perfil sociodemográfico dos óbitos conduzida por meio dos registros da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, deter-se-ão na primeira grande epidemia de cólera ocorrida no Rio de Janeiro (1855-1856), remontando aspectos característicos do universo de vida dos escravos urbanos, em período posterior ao final do tráfico negreiro. A análise, conduzida pela abordagem estatístico-descritiva, também atenta

---

<sup>42</sup> Assentamentos de óbitos dos escravos falecidos da Freguesia de Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre, 1820 e 1858.

<sup>43</sup> Também são apontadas como fragilidades: a heterogeneidade das anotações, pois, conforme o autor, “parecem estar sob o absoluto capricho dos párocos”; na idade, o problema se daria por ser definida mais pela aparência do indivíduo, as vezes indicando-o como muito mais velho (aparência fragilizada pelas condições de vida) do que realmente era; a problemática que envolve a identificação pela cor e, ainda, confundida com a origem dos indivíduos. Ibidem.

---

<sup>44</sup> Ibid. p. 87.

<sup>45</sup> KODAMA, Kaori; PIMENTA, Tania Salgado; BASTOS, Francisco Inácio; BELLIDO, Jaime Gregorio. Mortalidade escrava durante a epidemia de cólera no Rio de Janeiro (1855-1856): uma

para a parte conceitual que envolve os óbitos.

Os autores aprofundaram o debate sobre o discurso médico no que toca às concepções e ocorrência de determinadas doenças, indicadas como “doenças de negros”. Tratando especificamente do cólera, também fazendo uso de relatórios e teses médicas, destacaram o imbricamento entre epidemia, condições de vida e preceitos morais médicos do período. De acordo com estes documentos, a maior parte dos acometidos pelas doenças eram “os pretos, os homens de cor”. Como razão para justificar o fato, os médicos destacavam as duras condições de trabalho as quais os “pretos” estavam submetidos, em conjunto do “desprezo” desta parte da população para com os preceitos básicos de higiene<sup>46</sup>.

Muitas das causas especificadas pelos médicos analisados exemplificavam, de fato,

---

análise preliminar. In: *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*. v. 19, supl. dez. 2012.

<sup>46</sup> Ibidem. p. 62.

parte da realidade vivida pelos escravos e pobres do período: as condições de trabalho, a exposição ao clima quente e úmido, as habitações em locais insalubres e de alta concentração humana, alimentação de má qualidade e diversas outras privações. Porém, tal realidade não se resumia a estas situações. De acordo com aquele olhar médico, a falta de higiene voltava-se mais para uma questão de escolha daquela população do que pela falta das condições materiais, envolvendo uma série de “costumes viciosos”, tais como “excessos e abusos” praticados de forma constante, que estariam vinculados ao modo de viver dos negros<sup>47</sup>.

Em sentido semelhante destacam-se os trabalhos de Alisson Eugênio<sup>48</sup> e André Nogueira<sup>49</sup>.

---

<sup>47</sup> Ibidem. p. 63. Cabe indicar que todo este discurso estaria focado em prolongar a vida dos escravos, mas não em denunciar o sistema escravista em si.

<sup>48</sup> EUGÊNIO, Alisson. As doenças de escravos como problema médico em Minas Gerais no final do Século das Luzes. *Varia História*, Belo Horizonte, n.23, jul/ 2000. p.154-163.

<sup>49</sup> NOGUEIRA, André. Universos coloniais e 'enfermidades dos negros' pelos cirurgiões régios

Ambos os autores têm por objetivo analisar como as “doenças dos negros” eram concebidas e nomeadas no trabalho do médico Jean Barthelemy Dazille <sup>50</sup>, intitulado *Observações sobre as enfermidades dos negros, suas causas, seus tratamentos, e os meios de as prevenir*.

Nogueira indica que, conforme a obra de Dazille, seriam três os fatores que afetavam a saúde dos negros: 1: características naturais do ambiente, um tanto especificadas, considerando também os humores e miasmas<sup>51</sup>; 2: condições de vida e trabalho, pensando na atuação do escravo e doenças explicadas pela condição de cativo<sup>52</sup>; 3: traços inatos de seus corpos e personalidade, sendo três as características inatas: libertinagem, preguiça, alcoolismo<sup>53</sup>.

---

Dazille e Vieira de Carvalho. História, Ciências, Saúde-Manguinhos (Impresso), v. 19, p. 179-196, 2012.

<sup>50</sup> DAZILLE, Jean Barthelemy. *Observações sobre as enfermidades dos negros, suas causas, seus tratamentos, e os meios de as prevenir*. Trad. Antônio José Vieira de Carvalho. Lisboa: Tipografia Arco do Cego, 1801. s/p.

<sup>51</sup> Estabelecendo vínculo direto entre ambiente e doença. NOGUEIRA, André. Op. cit. p. 9.

<sup>52</sup> Ibid. p. 10.

<sup>53</sup> Ibidem.

Sobre este último fator, destacam-se as relações estabelecidas pelo discurso médico com as doenças venéreas, moralidade e depreciação dos negros, entrando em jogo, para além da cor da pele, diferenças anatômicas, que se demonstrariam como fatores de predisposição àquelas doenças. Sob este ponto de vista, organismos de negros e brancos funcionariam de modo diferenciado e, de acordo com as suas distinções, estariam mais ou menos propensos a determinados vícios ou doenças.

O aprofundamento da análise levou Nogueira, a partir das ideias de Charles Rosenberg<sup>54</sup>, a refletir sobre o conceito de doença e a sua complexidade para a história, o que é de vital importância para a discussão em pauta:

Contudo, como historiadores, somos desafiados a pensar nas doenças e suas possibilidades de explicação e tratamento não de forma dada e/ou naturalizada, mas como construção

---

<sup>54</sup> ROSENBERG, Charles. Framing disease: Illness, society and history. In: *Explaining epidemics and others studies in the history of medicine*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 305;

plural de uma época determinada e, por isso, possuidora de especificidades e meios de ação que lhes são próprios e legítimos e, por conseguinte, socialmente aceitos no âmbito das crenças e das práticas dos indivíduos circunscritos num dado contexto<sup>55</sup>.

Observa-se, a partir das pesquisas trazidas, que esta concepção social, cultural, política, moral e histórica sobre doença, analisada como problema e conceito, ligando-a a determinado contexto específico, aos seus agentes e à conformação das estruturas sociais das quais faz parte, dialoga de maneira muito afinada com as ideias e preocupações dos estudos ligados à história social produzidos nas últimas décadas.

De outra maneira, Keith Barbosa em *Escravidão, mortalidade e doenças: notas para o estudo das dimensões da diáspora africana no Brasil*<sup>56</sup> analisou a escravidão no Brasil, entre os anos de 1820 e 1831,

<sup>55</sup> NOGUEIRA, André. Op. cit. p. 5.

<sup>56</sup> BARBOSA, Keith. *Escravidão, mortalidade e doenças: notas para o estudo das dimensões da diáspora africana no Brasil*. XIX Encontro Regional de História, poder, violência e exclusão. ANPUH/ SP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

de forma intercruzada com a mortalidade e doenças dos escravos, utilizando-se de registros de óbitos paroquiais, inventários post-mortem e relatos médicos, procurando compreender as doenças que faziam parte da vida nas senzalas e como a morte e as doenças eram vividas e experimentadas pelos escravos.

A autora objetivou quebrar com concepções estereotipadas sobre o tráfico atlântico de escravos, que em algumas visões médicas do período, se constituía como principal propagador de doenças e epidemias. Visto dessa forma, o tráfico de escravos:

“como agente da migração de doenças e patologias” desqualifica a experiência africana e escravos na diáspora tanto como agentes de circulação de idéias, saberes, cosmologias e expectativas diante das doenças, mortes e práticas terapêuticas decorrentes. Pensamos que a ideia do tráfico atlântico como propagador de doenças e epidemias, incidindo sobre padrões da mortalidade escrava deve ser matizado, considerando outras variáveis das sociabilidades e das ideologias migratórias, assim como os seus desdobramentos. Não resta dúvida que o impacto migratório forçado trouxe consequências conjunturais e demográficas, porém, é



fundamental dar relevo aos aspectos ambientais, as condições sanitárias, os regimes de trabalho, as dietas alimentares, os vestuários, entre outros, para explicar as dinâmicas de morbidade e mortalidade numa sociedade escravista<sup>57</sup>.

Desse modo, a autora enfocou o contexto e diversas esferas da vida da população escrava, evitando na pesquisa historiográfica a reprodução do pensamento estigmatizado de que a ocorrência de doenças e epidemias no Brasil seria resultado da origem africana dos escravos<sup>58</sup>. Destaca-se, ideia esta que muito comum na literatura médica do século XIX.

Sob outro ponto de vista, Barbosa interrogou-se sobre algumas conclusões realizadas por Mary Karasch, especificamente, sobre a afirmativa de que a mortalidade escrava seria maior nas grandes cidades em relação às zonas rurais, o que se daria, principalmente, pela dificuldade de adaptação dos escravos ao ambiente mórbido da

cidade<sup>59</sup>. Tal questionamento fez com que Barbosa utilizasse o método comparativo<sup>60</sup>, detendo-se sobre a dimensão espacial.

Assim, examinou a mortalidade entre duas freguesias distintas do Rio de Janeiro, uma situada em zona rural (Jacarepaguá) e outra no centro da cidade (Candelária). Verificou que os dois espaços, apesar das diferenças sanitárias, possuíam similitudes, tal como a maior incidência de doenças infecto-parasitárias: tuberculose, varíola e bexigas, assim como também identificado por Karasch. Contudo, diferentemente da conclusão de Karasch em relação ao

---

In: Encontro de Regional de História, 12, 2006. Rio de Janeiro. Anais.

<sup>59</sup> BARBOSA, Keith. Op. cit. p. 3.

<sup>60</sup> Conforme Nascimento e Santa: “trata-se, na verdade, de se pensar a comparação não como uma estratégia a favor da máxima generalização teórica ou, pelo contrário, da afirmação do caráter exclusivamente individual do fenômeno histórico, e sim de se trabalhar simultânea e criticamente com o geral e o particular, com os modelos e suas variantes concretas, de modo a se apreender a dinâmica de um determinado modelo histórico”. NASCIMENTO, Dilene; SANTA, Marcos Roma. Op. cit. p. 20. Ver também: NADALIN, Sérgio Odilon. *A demografia numa perspectiva histórica*. Belo Horizonte, 1994. Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Unicamp. Disponível em <http://www.abep.org.br>. Acesso em 01 set. 2011.

---

<sup>57</sup> Idem. p. 3.

<sup>58</sup> Visão que também foi duramente criticada por Carvalho. CARVALHO, Diana Maul de. *Doenças dos escravizados, doenças africanas?*

efeito do estado sanitário da cidade que impactaria drasticamente sobre a mortalidade, constatou que para além deste aspecto, eram as condições sociais de vida, trabalho e moradia, aliadas às doenças, as variáveis responsáveis pela alta taxa de mortalidade entre os escravos. As condições sanitárias da cidade constituir-se-iam como mais um fator associado a outros tantos para o aumento da mortalidade, mas não o principal<sup>61</sup>. Entretanto, a perspectiva comparativa adotada pela autora não foi utilizada para analisar as doenças (e ambiente) dos escravos em relação aos demais grupos sociais existentes.

Realizada esta ressalva que ainda será explorada posteriormente, nota-se que a autora, ao retomar e reformular antigos problemas de vertente demográfica, situa-se dentro das concepções teóricas da história social, tendo como horizonte a problematização e o entendimento de doença como um conceito, produzido historicamente pelos

homens em sociedade, permeado por aspectos socioeconômicos e ambientais.

### Reflexões em torno deste panorama

O primeiro ponto de atenção, tal como proposto pelos *Annales*, refere-se à importância de identificar as fragilidades e limitações dos registros de óbitos, sendo preciso, cada vez mais, aprofundar a crítica sobre as fontes e problematizar as suas informações, tomando assim o cuidado, tão preciso na História, de não se tomar como verdades indubitáveis, os dados observados<sup>62</sup>. É necessário entender a fonte como o intermédio entre passado e presente e as suas informações dentro do seu contexto de construção. Partindo desta

---

<sup>62</sup> Inspirando-se em Georges Duby, ao tratar sobre a relação historiador e fonte: “No le basta tampoco ir más allá del contenido de tales textos, y examinar su aspecto formal, com la finalidad de [...] intentar alcanzar la verdadera relación con el mundo de aquellos que compusieron y utilizaron dichos textos”. DUBY, Georges. La historia social como síntesis. In: CARDOSO, Ciro. F. e BRIGNOLI, Héctor. *Perspectivas de la*

---

<sup>61</sup> BARBOSA, Keith. Op. cit. p. 7.

advertência que vale para a quase totalidade de informações que constam nos registros de óbitos, verifica-se de extrema importância a retomada do entendimento de doença (ou causa de morte) como um conceito e o seu uso como ferramenta para compreender a sociedade ou grupo social investigado.

As análises de Moreira, Kodama et al., Eugênio e Nogueira sobre o efeito moral do discurso médico em relação às concepções das doenças possibilitam vislumbrar importantes avanços sobre esta questão. Primeiramente, por agregarem maior conhecimento sobre as doenças do período, o que é fundamental para qualquer análise histórico-social sobre causas de morte, doenças e condições de vida, considerando a complexidade que envolvia os saberes da medicina, no decorrer do século XIX<sup>63</sup>. Em

---

*historiografia contemporânea*. Mexico, SEP-Setentas, 1976. p. 95.

<sup>63</sup> Dentre esta complexidade, ressalta-se as diferentes teorias sobre as causas e ações das

segundo, por tratarem de ponto fundamental para pensar sobre como médicos, funcionários do Estado ou de outras instituições (tal como as Santas Casas) e, até mesmo, párocos, definiam e/ou registravam o diagnóstico da doença ou causa de morte para indivíduos membros de grupos populacionais estigmatizados.

Pode-se, ainda, inverter o olhar e realizar outra interrogação: a partir da consciência de que dada enfermidade era concebida de maneira estigmatizada, quem seriam os indivíduos diagnosticados com tal doença? Esta pergunta traz à tona outras questões, aqui pensadas de maneira hipotética: será que determinado indivíduo chegou ao óbito, de fato, pela ação da determinada doença descrita na fonte? Ou seria uma concepção moral que teria influenciado o diagnóstico, de acordo com o corpo, a fisionomia e posição social do indivíduo? Isso, sem falar dos

---

doenças, o racismo científico que as permeavam, a luta entre curadores e médicos,

possíveis erros involuntários de diagnóstico ocasionados por falta de conhecimento por parte do médico ou responsável pelos registros. Mas como ultrapassar estas barreiras?

Quiçá seja impossível buscar respostas precisas, mas, considerando o papel do historiador de buscar a realidade que existe intrínseca ao objeto de estudo, tal intuito deve ser, ao menos, tentado. Dar-se conta das inconsistências das informações da fonte<sup>64</sup> é de extrema importância e se constitui como o primeiro passo na busca de avanços. Do contrário, corre-se o risco de pesquisas atuais repetirem diagnósticos inconsistentes ao indicar, descrever e contabilizar determinadas doenças a indivíduos específicos, reproduzindo, de certa forma, involuntariamente, discursos ou até mesmo equívocos (como erros de diagnósticos) do tempo estudado,

---

entre outras questões.

<sup>64</sup> Para além dos diagnósticos, pode-se estender a questão para as informações em relação à determinação da cor dos indivíduos e outras constantes na fonte.

na atualidade. Mas como ultrapassar estas barreiras?

Paulo Moreira consegue avançar em um dos sentidos apontados. Ao destacar as concepções morais do discurso médico (tais como sobre *os vícios tão comuns entre os pobres e escravos*) e as incertezas em relação ao diagnóstico contido na fonte, propõe como solução o “cruzamento de fontes”<sup>65</sup>, o que realiza de forma exímia e efetiva, ao menos, como solução para a verificação de diagnósticos generalistas. Por exemplo, ao observar o registro de óbito do escravo “pardo Atanásio”, descrito como “por ferimentos”, em julho de 1877, investigou jornais e processos crimes do mesmo período, encontrando informações sobre Atanásio em jornal e processo crime, onde se verificou que o escravo foi assassinado, por dois italianos<sup>66</sup>.

Como se observa, trata-se de trabalho de pesquisa árduo, mas que

---

<sup>65</sup> MOREIRA, Paulo Roberto S. Op. cit. p. 87.

oferece bons resultados para alguns dos questionamentos aqui realizados. Verifica-se, assim, contribuições de extrema importância possibilitadas por pesquisas ligadas à história social e seu desenvolvimento como prática historiográfica, identificadas por meio da redução de escala de análise, do uso de múltiplas fontes, rompendo com polarizações quantitativas e qualitativas e da busca pela ação e experiência humana, estas, por sua vez, não afastadas da estrutura social da qual faz parte e que também à conforma<sup>67</sup>.

No entanto, persiste um problema: como descobrir o real diagnóstico para casos de morte em que não houve envolvimento com as esferas policial e judicial, tal como as mortes não violentas ou que não ganharam espaço em jornais, que compõem mais de 99% dos óbitos registrados<sup>68</sup>? Nesta interrogação, considera-se: os problemas

intrínsecos à fonte, tais como a descontinuidade da forma do registro, as mudanças nos métodos de diagnósticos e informações imprecisas<sup>69</sup>; e ainda, o problema de diagnóstico atribuído mais por causas morais do que nosológicas. Sendo assim, como é possível chegar a um quadro próximo da realidade?

Talvez o passo seguinte deva ser dado no sentido de pensar sobre os processos e trâmites legais relacionados à conformação das informações trazidas nos documentos, as instituições envolvidas e quem as registrava. Visa-se assim, entender o processo de confecção da fonte, verificar como as informações eram obtidas, identificar quem eram os responsáveis legais pela criação dos dados. Ou seja, não se trata somente de entender e descrever a fonte

---

<sup>66</sup> Ibidem.

<sup>67</sup> CASTRO, Hebe. Op. Cit. p. 54.

---

<sup>68</sup> Conforme pesquisa que está sendo realizada pelo autor, ao tomar como referência mais de 30.000 registros de óbitos.

<sup>69</sup> Problemas também apontados por Dina Czeresnia: COSTA, Dina Czeresnia. *Comentários sobre a tendência secular da tuberculose. Cad. Saúde Pública*, Dez., vol.4, no.4, 1988. p.398-406.

internamente, mas também de capturar o contexto, os motivos da sua produção, os atores e instituições envolvidos, realizando a crítica completa da fonte<sup>70</sup>. Seguindo os caminhos traçados pela história social, as fontes, os documentos, não podem ser considerados como portadores, isoladamente, da verdade histórica (como nas abordagens Rankianas<sup>71</sup>). Tal procedimento não se demonstra como novidade no mundo historiográfico e não se limita aos documentos aqui tratados<sup>72</sup>, porém, para os registros de óbitos e o papel das instituições que se envolviam com os trâmites burocráticos sobre a morte - que

---

<sup>70</sup>Inspirando-se em Georges Duby, ao tratar sobre a relação historiador e fonte: “No le basta tampoco ir más allá del contenido de tales textos, y examinar su aspecto formal, com la finalidad de [...] intentar alcanzar la verdadera relación con el mundo de aquellos que compusieron y utilizaron dichos textos”. DUBY, Georges. La historia social como síntesis. In: CARDOSO, Ciro. F. e BRIGNOLI, Héctor. *Perspectivas de la historiografía contemporánea*. Mexico, SEP-Setentas, 1976. p. 95.

<sup>71</sup>CASTRO, Hebe. Op. Cit. Ibidem. p. 45.

<sup>72</sup>Neste ponto, observa-se como exemplo, o quanto os processos criminais se tornaram mais valiosos aos historiadores a partir do conhecimento dos detalhes da fonte e da sua construção.

também envolvem micro contextos -, ainda são raros os estudos existentes.

O objetivo deste esforço, que possibilita compreender a fonte e as suas informações de forma qualitativa, pode ser o primeiro passo para, num segundo momento, sob ponto de vista ambicioso (e que conta com o elemento sorte), procurar resgatar quem eram os indivíduos envolvidos na conformação dos registros. Desse modo, a partir da possível identificação individual do médico responsável pelo laudo, estudando aspectos em torno da sua formação e concepções sobre doenças e sociedade, seja possível obter pistas em relação às ideias que permearam a confecção de determinado diagnóstico. Trata-se assim de resgatar a atuação humana que conformou e fez parte daquele cenário. Logo, conforme sugerido e realizado por Moreira e outros pesquisadores, a utilização e o cruzamento de diversas fontes são procedimentos fundamentais para esta busca.

Como último ponto de análise, retoma-se a questão trazida por Barbosa que se refere ao uso do método comparativo nos estudos sobre mortalidade. Cabe alertar que tal método é largamente utilizado em pesquisas demográficas, principalmente das que visam compreender a dinâmica que envolve fenômenos sociais como natalidade, mortalidade, crescimento ou queda do contingente populacional etc. Esta forma de investigação possibilita análise ao mesmo tempo geral e específica, de tal maneira que se permite verificar padrões normais e anormais da mortalidade, ocorrências de epidemias, doenças endêmicas etc. tudo isto, dependendo do quanto os dados são aprofundados e, principalmente, das perguntas realizadas pelo pesquisador. Por conseguinte, a comparação é importante tanto sob o ponto de vista espacial, conforme trazido, quando temporal, por exemplo, para observar

quando uma epidemia ocorre por doença não endêmica de dado local<sup>73</sup>.

Porém, para além da importância das esferas espacial e temporal, é necessário voltar o olhar para outro elemento, o mais importante, dentro da história social: o indivíduo, ou melhor, os indivíduos analisados. Conforme verificado, com exceções<sup>74</sup>, muitos dos estudos sobre mortalidade do Brasil no século XIX enfocaram os escravos ou somente

---

<sup>73</sup> Em pesquisa realizada por este autor, investigou-se que taxas de mortalidade poderiam ser consideradas dentro de um padrão específico para Porto Alegre, no século XIX. Para isso, foi necessário recorrer ao método comparativo, seja entre diferentes períodos no espaço estudado ou em relação a outras cidades do período. OLIVEIRA, Daniel. *Morte e vida feminina: mulheres pobres, condições de saúde e medicina da mulher na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre (1880-1900)*. 2012. 293f. Dissertação (Mestrado em História) – IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [2012]. p. 192.

<sup>74</sup> É importante salientar que, ainda que poucos, existem estudos que realizaram a análise conjunta e comparativa da mortalidade de diversos grupos sociais, sendo alguns deles: KODAMA, Kaori. Africanos no Rio de Janeiro na Epidemia de Cólera, 1855-1856. In 6º Encontro Escravidão e Liberdade. Florianópolis, 2013. Kodama, Kaori; Pimenta, Tânia Salgado; Bastos, Francisco I.; Bellido, Jaime G. "Mortalidade escrava durante a epidemia de cólera no Rio de Janeiro (1855-1856): uma análise preliminar". História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v.19, supl., dez. 2012. FALCI, M. B. K. A mortalidade por causa e grupos sociais no Rio de Janeiro. *Revista do Mestrado em História da Uss*, Vassoura, 1998.

um ou outro grupo social. Não se trata aqui de retomar a velha discussão de reivindicar estudos voltados para um grupo social ou outro. Aliás, talvez o contrário: quer-se indicar para a necessidade de buscar um caminho dinâmico que viabilize resgatar, mais do que já realizaram os estudos existentes, a complexidade social que liga doenças, morte e a posição social, econômica, jurídica e cultural dos indivíduos.

Deve-se considerar que, em uma determinada sociedade, há uma multiplicidade social, onde cada um dos grupos que a compõe coexiste em relação aos demais, isso, sem considerar as diversidades internas de um grupo específico. Esta multiplicidade, estabelecida pela coexistência, se dá no plano das diferenças existentes entre os diversos grupos que compõe uma dada sociedade. Mesmo que esta afirmativa possa parecer um tanto básica, deve ser considerada ao se analisar fenômenos sociais que

atingem determinada população ou grupo social. Neste sentido, destacam-se os benefícios do método comparativo:

[...] a comparação pode contribuir tanto para o rompimento com a abstração empobrecedora da pesquisa dos fenômenos históricos quanto para a descrição puramente monográfica que, por privilegiar o único, o individual, corre muitas vezes o risco de se reduzir à condição de um simples relato de fatos [...] Por atentar para as peculiaridades estruturais, sem menosprezar a pesquisa dos fatos históricos, o método comparativo parece prestar-se especialmente bem ao objetivo da ciência histórica hoje: explicar e interpretar as trajetórias das sociedades humanas<sup>75</sup>.

E estas considerações podem ser trazidas para os estudos sobre mortalidade. É inevitável que o pesquisador defina o seu objeto, os seus indivíduos, porém, deve-se manter a visão do todo em que estão incluídos e, ainda, procurar resgatar o que pode ser considerado como específico ou não para determinado grupo, inclusive, quando se trata da mortalidade.

---

<sup>75</sup> NASCIMENTO, Dilene Raimundo; SANTA, Marcos Roma. Op. cit. p. 23.



## Conclusão

Sintetizando as questões problematizadas de acordo com os objetivos propostos, resgata-se o principal fim da história social quando do seu surgimento, assim descrito por Hebe Castro: “formular problemas históricos específicos quanto ao comportamento e às relações entre os diversos grupos sociais”<sup>76</sup>. Trata-se de um esforço no sentido de compreender de modo aprofundado os múltiplos aspectos que constituem as especificidades do mundo social e dos seus diversos grupos populacionais, sobre as suas condições de vida e trabalho, doenças e causas de morte, sejam nas cidades, zonas rurais, em diferentes tempos históricos, não de forma isolada, mas como parte de um conjunto social complexo.

Neste ínterim, a partir da observação das pesquisas e abordagens empreendidas pelos autores analisados, destaca-se a

importância do resgate das análises demográficas e do seu aparato metodológico (e também teórico) e suas preocupações<sup>77</sup> (tão esquecidas nas últimas décadas após o crescimento de pesquisas qualitativas e de abordagem micro), de forma aliada às teorias, abordagens e aos métodos recentes, utilizados pelos pesquisadores ligados à história social, que quebraram a ultrapassada dualidade entre as análises, expressas pelas bipolarização das abordagens quantitativa e qualitativa.

Assim observado, há de se referenciar artigo de Caio Prado Júnior que examinou esta dualidade, seus significados e suas relações como métodos historiográficos, já na década de 1970:

É que não há nenhuma história “quantitativa” em oposição a outra dita

---

<sup>77</sup> Neste sentido, é elucidativo verificar que a pesquisa empreendida por Costa, ainda na década de 1970, apesar de possuir várias limitações dentro dos aspectos aqui tratados e de priorizar somente aspectos socioeconômicos (isso sem desconsiderar o caráter pioneiro da obra), teve a preocupação de relacionar os principais grupos sociais que faziam parte da sociedade de Vila Rica na análise dos óbitos. COSTA, Iraci del Nero. Op. Cit. Ver, também: MARCÍLIO, Maria Luiza. Op. Cit.

---

<sup>76</sup> CASTRO, Hebe. Op. Cit. p. 48.

por contraste (como tinha que ser por uma questão de simetria linguística), “qualitativa”. Isso porque tanto a quantificação e a qualificação, imbricadas uma na outra, são apenas procedimentos conceptuais ou operações mentais do indivíduo pensante que é o homem<sup>78</sup>.

Diante da trajetória da história social aqui observada, verifica-se que no atual cenário do conhecimento historiográfico não é mais permitido tomar informações de fontes, tais como as contidas nos registros de óbitos, como verdades indubitáveis, sem problematizá-las: é necessário analisá-las e entendê-las como conceitos que estão ligados de forma íntima com os agentes históricos, suas ações, experiências e contextos específicos: tem-se, assim, a história como um problema, tal como almejada, ainda no início do século XX, por Marc Bloch e Lucien Febvre. Neste sentido, conseqüentemente, torna-se também impensável analisar documentos e

conduzir pesquisas por meio de uma abordagem teórica e metodológica em detrimento de outras.

Espera-se, considerando os pontos levantados e as diversas contribuições suscitadas pela pioneira e nova historiografia do campo, de forma articulada com as teorias e metodologias oportunizadas pela história social nos seus quase cem anos de existência, avançar sobre os limites que cercam os estudos sobre mortalidade e doenças no Brasil do século XIX, bem como, prosseguir para novas possibilidades de apreensão da realidade passada, compreendo a sociedade brasileira e seus agentes, as suas relações, dentro das suas complexidades de espaço, tempo e estruturas próprias, ou seja, inseridas nos seus contextos específicos de produção.

---

<sup>78</sup> PRADO JR, Caio. Op. cit. p. 10.

## Referências

- BARBOSA, Keith. Escravidão, mortalidade e doenças: notas para o estudo das dimensões da diáspora africana no Brasil. XIX Encontro Regional de História, poder, violência e exclusão. ANPUH/ SP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.
- BARRETO, Maria Renilda Nery. Entre brancos e mestiços: o cotidiano do Hospital São Cristóvão na Bahia oitocentista. In: MONTEIRO, Yara Nogueira (org.). *História da saúde: olhares e veredas*. Instituto de Saúde, 2010.
- BASSANEZI, Maria Silvia Beozzo. Imigração e mortalidade na terra da Garoa. São Paulo, final do século XIX e primeiras décadas do século XX. XIX. Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, São Pedro/SP. 2014.
- BURKE, Peter. *O surgimento da história Social*. São Paulo: UNESP, 2002.
- CARVALHO, Diana Maul de. Doenças dos escravizados, doenças africanas? In: Encontro de Regional de História, 12, 2006. Rio de Janeiro. *Anais*. Disponível em: [<http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Diana%20Maul%20de%20Carvalho.pdf>]. Acesso em: 20 fev. 2011
- CASANOVA, Julián. *La historia social y los historiadores*. Barcelona: Crítica, 1997.
- CASTRO, Hebe. História Social. In. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história: ensaios de teologia e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- COSTA, Dina Czeresnia. Comentários sobre a tendência secular da tuberculose. *Cad. Saúde Pública*, Dez., vol.4, no.4, 1988. p.398-406.
- COSTA, Iraci del Nero da. Vila Rica: mortalidade e morbidade (1799-1801). In: BUESCU, M. & PELÁES, C. M. (coord.). *A moderna história econômica*. Rio de Janeiro, APEC, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Vila Rica: população (1719-1826)*. Ensaios Econômicos, 1. São Paulo, IPE-USP, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Populações mineiras: sobre a estrutura populacional de alguns núcleos mineiros no alvorecer do século XIX*. São Paulo, IPE-USP, 1981.
- DAZILLE, Jean Barthelemy. Observações sobre as enfermidades dos negros, suas causas, seus tratamentos, e os meios de as prevenir. Trad. Antônio José Vieira de Carvalho. Lisboa: Tipografia Arco do Cego, 1801. s/p.
- DUBY, Georges. La historia social como sínteses. In: CARDOSO, Ciro. F. e BRIGNOLI, Héctor. *Perspectivas de la historiografía contemporânea*. Mexico, SEP-Setentas, 1976
- EUGÊNIO, Alisson. As doenças de escravos como problema médico em Minas Gerais no final do Século das Luzes. *VariaHistória*, Belo Horizonte, n.23, jul/2000.
- FALCI, M. B. K. A mortalidade por causa e grupos sociais no Rio de Janeiro. *Revista do Mestrado em História da Uss*, Vassouras, 1998.

- HOBBSAWM, Eric. J. Da história social à história da sociedade. In *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- KODAMA, Kaori; PIMENTA, Tania Salgado; BASTOS, Francisco Inácio; BELLIDO, Jaime Gregorio. Mortalidade escrava durante a epidemia de cólera no Rio de Janeiro (1855-1856): uma análise preliminar. In: *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*. v. 19, supl. dez. 2012.
- LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. *Demografia histórica: Orientações técnicas e metodológicas*. 1. ed. São Paulo: Pioneira, 1977.
- \_\_\_\_\_. *A cidade de São Paulo, povoamento e população: 1750-1850*. São Paulo, Pioneira, 1974.
- \_\_\_\_\_. A demografia histórica brasileira nesse final de milênio. *REBEP - Revista Brasileira de Estudos de População*. V. 14, n. ½, 1997.
- MOREIRA, Paulo Roberto S. “Portanto, os senhores exigindo dos escravos mais do que podem, cometem homicídio”: vida e morte de indivíduos cativos nos oitocentos através dos registros de óbito (Porto Alegre/RS). *Espaço Plural*, nº 22, 2010.
- NADALIN, Sérgio Odilon. *A demografia numa perspectiva histórica*. Belo Horizonte, 1994. Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Unicamp. Disponível em <http://www.abep.org.br>. Acesso em 01 set. 2011.
- NASCIMENTO, Dilene Raimundo; SANTA, Marcos Roma. O método comparativo em história das doenças. In: NASCIMENTO, D. R.; CARVALHO, D. M.; MARQUES, R. (orgs.). *Uma história brasileira das doenças*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.
- NOGUEIRA, André. Universos coloniais e 'enfermidades dos negros' pelos cirurgiões régios Dazille e Vieira de Carvalho. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* (Impresso), v. 19, p. 179-196, 2012.
- OLIVEIRA, Daniel. Morte e vida feminina: mulheres pobres, condições de saúde e medicina da mulher na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre (1880-1900). 2012. 293f. Dissertação (Mestrado em História) IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [2012].
- \_\_\_\_\_. *Registros de mortes, traços de vidas: livros de óbitos e o Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre como fonte para a história social no final do século XIX*. V Encontro Estadual de História e Saúde. ANPUH/RS. Santa Maria, 21 e 22 de nov. 2013.
- PETERSEN, Silvia e LOVATO, Bárbara. Ciência moderna e conhecimento histórico. In: *Introdução ao estudo da História: temas e textos*. Porto Alegre: Edição das autoras/Gráfica das UFRGS, 2013.
- PORTO, Ângela (org.). *Doenças e escravidão: sistema de saúde e práticas terapêuticas*. CD-ROM, Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz, 2007.

PRADO JR, Caio. História quantitativa e método da historiografia. São Paulo, *Debate e Crítica* (6), jul. 1975.

REIS, João José. *A morte e uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. 357 p.

REIS, Thiago de Souza. *Morte e escravidão: padrões de morte da população escrava de Vassouras, 1865-1888*. 2009. 137 f. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Ciências Humanas e Sociais – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro [2009].

ROSEMBERG, Charles. Framing disease: Illness, society and history. In: *Explaining epidemics and others studies in the history of medicine*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

SANTOS, Cândido dos. Nota sobre a mortalidade infantil nos séculos XVIII e XIX. *Humanidades*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, n.º 2, Abril de 1982, p. 47-[75].

VIANA, Iamara da Silva. Morte escrava e relações de poder em Vassouras (1840-1880): hierarquias raciais, sociais e simbolismos. 2009. 167 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo UERJ, [2009].